

*Francisco e o Pequenino*



*Christian Bobin*

*Francisco e o Pequeno*



**Editorial A. O.**

Título original  
Le Très-Bas  
© Éditions Gallimard, 1992  
ISBN 978-2-07-038860-8

Tradução  
Manuel Losa, S.J.

Ilustrações  
Margarida Alvim

Ilustração da Capa  
Margarida Alvim

Capa  
Virgílio Cunha  
(Editorial A. O.)

Paginação  
Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos  
Tipoprado, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal nº  
????????????????

ISBN  
978-972-39-0777-3

Dezembro de 2013

Com todas as licenças necessárias

©  
SECRETARIADO NACIONAL  
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO  
Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA  
Tel.: 253 689 440 \* Fax: 253 689 441  
[www.apostoladodaoracao.pt/livros@snao.pt](http://www.apostoladodaoracao.pt/livros@snao.pt)



*A Ghislaine Marion  
que, com o seu riso,  
liberta todos os caminhos da tinta de escrever*

**Christian Bobin** nasceu em 1951, em Creusot. É o autor de obras cujos títulos se esclarecem uns aos outros como os fragmentos de um puzzle. Entre outras: *Une petite robe de fête*, *Souveraineté du vide*, *Éloge du rien*, *Le Très-Bas*, *La part manquante*, *Isabelle Bruges*, *L'inespérée*, *La plus que vive*, *Autoportrait au radiateur*, *Geai*, *Tout le monde est occupé*, *La présence pure*, *Ressusciter*, *La lumière du monde* e *Le Christ aux coquelicots*.

*UMA PERGUNTA  
QUE NÃO ESPERA RESPOSTA*







*O jovem partiu juntamente com o anjo, e também o cão os seguiu.* É uma frase que se encontra na Bíblia. É uma frase do Livro de Tobias, na Bíblia. A Bíblia é um livro feito de muitos livros, e em cada um deles há muitas frases, e em cada frase muitas estrelas, oliveiras e fontes, e burrinhos e figueiras, campos de trigo e peixes – e o vento, por toda a parte o vento, o malvado vento da tardinha, o rosado da brisa matinal, o negro das grandes tempestades. Os livros de hoje são de papel. Os livros de outrora eram de pele. A Bíblia é o único livro de ar – um dilúvio de tinta e de vento. Um livro insensato, desvairado no seu sentido, tão perdido nas suas páginas como o vento nos parques dos supermercados, nos cabelos das mulheres, nos olhos das crianças. Um livro impossível de ter entre duas mãos tranquilas, para uma leitura serena, longínqua: pôr-se-ia imediatamente em voo, espalharia a areia das suas frases entre os dedos. Tomamos o vento entre as mãos e rapidamente nos detemos, como nos começos de um amor, dizemos: fico contente com isto, encontrei tudo, já não era sem tempo, fico por aqui, por este primeiro sorriso, por este primeiro encontro, por esta primeira frase ao acaso. *O jovem partiu juntamente*

*com o anjo, e também o cão os seguiu.* Esta frase adapta-se maravilhosamente a S. Francisco de Assis. Poucas coisas sabemos dele, e é melhor assim. O que sabemos de alguém impede-nos de o conhecer. O que se diz dele, crendo saber o que se diz, torna difícil vê-lo. Diz-se, por exemplo: *S. Francisco de Assis.* Diz-se, como o diria um sonâmbulo, sem acordar do sono da língua. Não se diz, deixa-se dizer. Deixamos vir as palavras, elas vêm numa ordem que não é a nossa, que é a ordem da mentira, da morte, da vida em sociedade. Pouquíssimas palavras verdadeiras se trocam cada dia, verdadeiramente muito poucas. Talvez as pessoas se enamorem, apenas a fim de começarem a falar. Talvez se abra um livro, simplesmente a fim de se começar a compreender. *O jovem partiu juntamente com o anjo, e também o cão os seguiu.* Nesta frase, não vedes nem o anjo nem o jovem, vedes apenas o cão, adiviniais o seu humor jovial, observai-lo a seguir os dois invisíveis: o jovem – tornado invisível pela sua despreocupação – e o anjo – tornado invisível pela sua simplicidade. O cão, esse sim, vemo-lo. Atrás. A reboque. Segue os outros dois. Segue-lhes as pegadas e, de vez em quando, divaga, vagueia pelos prados, fica especado diante duma galinha de água ou duma raposa; depois, com dois pulos, volta a juntar-se aos outros, torna a colar-se aos calcanhares do jovem e do anjo. Vagabundo, folgazão. O jovem e o anjo caminham lado a lado. Talvez o jovem dê a mão ao anjo para o guiar, a fim de que o anjo não se sinta demasiado constrangido, ele que caminha no mundo visível como um cego em pleno dia. E o jovem cantarola, conta o que lhe passa pela cabeça, e o anjo sorri, e aprova – e o cão sempre atrás daque-

les dois, ora à direita, ora à esquerda. Este cão está na Bíblia. Não há muitos cães na Bíblia. Há baleias, ovelhas, pássaros e serpentes, mas muito poucos cães. O único que conheceis é precisamente este, vadiando pelos caminhos, seguindo os seus dois donos: o jovem e o anjo, o riso e o silêncio, o jogo e a graça. Cão Francisco de Assis.

É uma pergunta que não encontra resposta. É uma interrogação sem esperança de resposta. Ela martela nas têmporas, como uma mosca contra os vidros – até achar o ar aberto numa resposta. É uma pergunta infantil, colocada pela alma que se agita num punhado de céu azul, sob um silêncio demasiado grande para ela: de onde venho, eu que não existi sempre? Onde é que eu estava, antes de ter nascido? A nossa época tem a resposta mais breve que se pode dar: vens da cópula entre o teu pai e a tua mãe. És o fruto de alguns suspiros e de um pouco de prazer. Aliás, estes suspiros e este prazer não são indispensáveis. Hoje em dia, não temos necessidade senão numa profeta. A resposta de data mais recente é esta: vens de um espermatozóide e de um óvulo. Não há nada a buscar do lado de cá. Nada de cá, e nada do lado de lá. Não és mais do que um sobressalto da matéria sobre si mesma, um caminho longínquo pelo qual envereda o nada para, no final de contas, se voltar a unir a si próprio. No século treze, no século de Francisco de Assis, a resposta era mais longa, apesar de se revelar tão pouco capaz de extinguir a questão. No século treze, vinha-se de Deus e a Ele se regressava. A resposta integral estava na Bíblia, unificava-se com o Livro. Uma resposta de

milhares de páginas. Ela não estava tanto na Bíblia, quanto no coração de quem lia a Bíblia, a fim de nela encontrar a resposta. E não podia ler convenientemente sem fazer entrar a sua leitura em cada um dos seus dias. A resposta não era lida, mas sim provada – provada na carne, provada mental e espiritualmente. Não era uma resposta de professor. Os professores são pessoas que ensinam aos outros as palavras que eles próprios encontraram nos livros. Mas não se aprendem palavras num livro de ar. Recebe-se, de tempos a tempos, a sua frescura. Estremecemos ao sopro duma palavra: amava-te muito antes de nasceres. Amar-te-ei, muito para lá do fim dos tempos. Amo-te em todas as eternidades. Antes de dormitar, deslumbrado, no ventre de sua mãe, Francisco de Assis estava mergulhado nesta palavra. Conservava-se a palavra encerrada na Bíblia, como ouro no fundo de um cofre. Libertavam-na nas festas, nos gestos do trabalho e nos gestos de repouso. Ela impregnava as redondezas da terra, a respiração dos animais nas granjas, o gosto do pão forte. E antes de estar na Bíblia, onde estava esta palavra, de onde é que ela vinha? Pairava sobre o vazio das terras e sobre o vazio dos corações, rodopiava com o vento nos desertos. Ela era primeira. Ela sempre existira. A palavra de amor é anterior a tudo, até mesmo ao amor. No começo, só existia ela, a voz sem palavras, o sopro de ouro que envolvia Deus, Francisco de Assis e o cão de Tobias, bem estreitados, confundindo a respiração.

Amava-te. Amo-te. Amar-te-ei. Não basta a carne, para nascer. Também é necessária esta palavra. Ela vem de longe.

Vem do azul longínquo dos céus, penetra no ser vivo, escorre sob a carne dos vivos, como uma corrente subterrânea de amor puro. Para a conhecer, não é necessário conhecer a Bíblia. Não é preciso crer em Deus, para ser vivificado pelo seu sopro. Esta palavra impregna cada página da Bíblia, mas também impregna as folhas das árvores, o pêlo dos animais e cada grão de pó que voa no ar. O ponto mais fundo da matéria, o seu último núcleo, o seu limite extremo, não é a matéria, mas sim esta palavra. Amo-te. Amo-te com um amor eterno, eternamente voltado para ti – pó, animal, homem. Antes de pairar sobre os berços, antes de dançar nos lábios das mães, esta palavra abre caminho através das vozes que fazem uma época, que lhe dão o tom e a cor. Palavras de guerra e de comércio. Palavras de glória e de desastre. Palavras de surdos. E, de través, e por baixo, e por cima, o espírito do vento, o rumor louco, o zumbido no sangue vermelho: amo-te. Muito antes de teres nascido. Muito depois do fim dos tempos. Amo-te em todas as eternidades. É de lá que vem Francisco de Assis. Vem de lá e para lá volta, como se regressa ao leito profundo, entre os braços duma amante.

Mas aproximemo-nos um pouco. Escutemos os ruídos do mundo, à janela. O ruído do ouro, o ruído da espada, o ruído das orações. Aqueles que contam o seu dinheiro por detrás duma cortina pesada. Aqueles que fermentam um vinho negro nos fundos dos seus castelos. Os que murmuram orações sob as rendas dos anjos. O comerciante, o guerreiro e o padre. Estes três compartilham o século treze. E, depois, há uma ou-

tra classe. Está na sombra, demasiado retirada em si mesma, para que uma luz qualquer aí a possa alcançar. É como que a matéria-prima dos outros três. É aí que os comerciantes vão buscar a mão-de-obra de que têm necessidade. Os guerreiros acham aí a forma de renovar os seus exércitos. Os padres farejam aí as almas que anseiam atingir. Aqueles três esperam uma recompensa qualquer pelo seu trabalho: a fortuna, a glória, ou a salvação. Esta classe não espera nada, nem sequer a passagem do tempo, o adormecimento da dor. Esta classe é a dos pobres. É do século treze e do século vinte, é de todos os séculos. É tão velha como Deus, tão muda como Deus, tão perdida como Ele na sua velhice, no seu silêncio. Ela dará a Francisco de Assis o seu verdadeiro rosto. Um rosto muito mais belo que o da madeira pintada das igrejas, muito mais puro que o dos grandes pintores. Um simples rosto de pobre. Um pobre rosto de pobre, de idiota, de indigente.

Outono de 1182, na Itália. Uma frase vinda do fundo dos séculos rodopia no ar, flutua, um instante, por cima duma casa, na cidade de Assis, em seguida pousa sobre um recém-nascido que dorme no seu berço. Não há qualquer ruído. Nenhuma modificação aparente. Ninguém se inquietou, ninguém viu, fosse o que fosse. A criança não acordou. As grandes coisas começam sempre por um sonho. As grandes coisas chegam sempre pelo lado mais pequeno. São poucos os acontecimentos numa vida. As guerras, as festas e tudo o que faz barulho, não são acontecimentos. O acontecimento é a vida que irrompe numa vida. Irrompe sem prevenir, sem alarido. O

*Uma pergunta que não espera resposta*

acontecimento tem a forma de um berço. Tem a fragilidade e a banalidade de um berço. O acontecimento é o berço da vida. Nunca se assiste à sua vinda. Jamais se é contemporâneo do invisível. Só depois, muito tempo depois, se adivinha que algo deve ter sucedido.

O jovem e o anjo afastaram-se de Assis, sem que alguém os tenha notado. Seguia-os um cão, três passos atrás.

O recém-nascido suspirava, no seu sono.

## *ÍNDICE*

Uma pergunta que não espera resposta	7
Aliás, não há santos	17
Doçura do nada	27
Licorne, salamandra e grilo	35
Algumas palavras cheias de sombra	43
Olha para mim, vou partir	53
Quatro mil anos e uns pozinhos	63
O meu irmão burro	71
O campo das mulheres, o riso de Deus	81
Esta velharia de Deus	89
Dizeis que me amais e entristeceis-me	97
Imagem sórdida, imagem santa	107